



A cultura da mineiridade acionada pelo jornal *Estado de Minas* como forma de legitimação da candidatura de Márcio Lacerda (PSB) à Prefeitura de Belo Horizonte em 2008¹

Luiz Ademir de Oliveira (UFSJ)²
Natália Silva Giarola de Resende (UFSJ)³

RESUMO: O artigo analisa como o jornal *Estado de Minas* (EM) se posicionou em relação à disputa eleitoral pela Prefeitura de Belo Horizonte em 2008. Ao tomar como *corpus* de análise as notícias veiculadas durante os meses de maio a outubro, a pesquisa constata que o jornal acionou a cultura da mineiridade como forma de legitimar a candidatura de Márcio Lacerda (PSB). Intitulado o “candidato da aliança”, Lacerda conseguiu agregar as forças políticas tradicionalmente antagônicas em Belo Horizonte ao ter apoio do então governador Aécio Neves (PSDB) e do então prefeito Fernando Pimentel (PT). Após quatro disputas polarizadas, PT e PSDB formaram uma aliança polêmica e inédita, mas que foi trabalhada a partir da ideia de política de conciliação e convergência, marcas da cultura da mineiridade. Ao interferir no processo eleitoral como ator político, o Estado de Minas reforçou o discurso de Lacerda como o candidato conciliador.

Palavras-Chave: Mídia e política – Mineiridade – Eleição – Belo Horizonte – *Estado de Minas*

Introdução

Em 2008, ocorreram as eleições para a escolha dos novos prefeitos e vereadores. A cada eleição, a democracia representativa brasileira se mostra consolidada e revela campanhas mais estruturadas e sofisticadas, com uso de estratégias eficientes de marketing político. A mídia tornou-se palco privilegiado para as disputas políticas (Rodrigues, 1990; Gomes, 2004), como ferramenta para as disputas e para o garantia visibilidade. Os *media* são uma ampliação da vida pública e apresenta relevante papel como ator político. A imprensa não atua de forma neutra, ao contrário, é constitutiva dos cenários políticos (Traquina 2001).

Na disputa pela Prefeitura de Belo Horizonte em 2008, o confronto se deu entre os candidatos Márcio Lacerda (PSB) e Leonardo Quintão (PMDB). A problemática está relacionada à polêmica aliança entre PT e PSDB, que se uniram para apoiar o candidato

¹ O artigo é resultado de discussões feitas no projeto “A cultura da mineiridade acionada pelo jornal *Estado de Minas* como forma de legitimação da candidatura de Márcio Lacerda (PSB) à Prefeitura de Belo Horizonte em 2008”, cuja pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) no período de 2009 a 2011.

² Luiz Ademir de Oliveira é doutor em Ciência Política e professor Adjunto I do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) – luizoli@ufsj.edu.br.

³ Natália Silva Giarola de Resende é graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSJ e bolsista de iniciação científica da FAPEMIG – nati.giarola@gmail.com.



Lacerda, após quatro eleições polarizadas entre petistas e tucanos na capital mineira. A partir de uma aliança entre o então governador Aécio Neves (PSDB) e o então prefeito Fernando Pimentel (PT), foi articulada a candidatura do socialista, que sofreu resistências dos petistas e tucanos. Aécio e Pimentel acionaram o imaginário da mineiridade (Arruda, 1990) para legitimar a candidatura de Lacerda, ao afirmarem que se tratava de um projeto inovador para o Brasil, uma política de convergências acima de interesses partidários. O artigo analisa a cobertura do *Estado de Minas* na campanha eleitoral, que ocorreu entre maio e outubro, sendo dividida em quatro momentos: Cenário Político (maio e junho), Cenário Pré-Eleitoral (julho até primeira quinzena de agosto), Cenário Eleitoral I (segunda quinzena de agosto e setembro) e Cenário Eleitoral II (outubro).

O artigo traz três tópicos teóricos: a centralidade da mídia para a política, as características da mineiridade e o jornalismo como ator social. Num segundo momento, são apresentadas as evidências empíricas: valência dos candidatos, protagonistas e antagonistas da disputa, análise qualitativa sobre o discurso da mineiridade nas estratégias dos candidatos. Por fim, analisa sobre o fazer jornalístico: gêneros jornalísticos, temáticas, fontes mais citadas e critérios de noticiabilidade.

1. A centralidade da mídia para a política

Destaca-se o papel estratégico do campo da comunicação como uma ampliação da esfera pública. Rodrigues (1990) avalia que a comunicação passou a ocupar um espaço de centralidade da vida social contemporânea. É na instância midiática que os demais campos sociais buscam visibilidade e formas de legitimar as suas ações. Na construção de um cenário político para uma disputa eleitoral, por exemplo, os atores políticos definem ações estratégicas para ocupar a mídia.

Na contemporaneidade, a política passa por grandes transformações, principalmente no que diz respeito às suas formas de representação. Manin (1995) explica que, com o declínio dos partidos políticos nos anos 80, emergiu democracia de público, como mudança nas formas tradicionais de representação política. Ao buscar as especificidades do governo representativo, Manin aponta quatro elementos básicos: a eleição dos representantes pelos cidadãos, a independência parcial do representante, o debate parlamentar e político e a liberdade de opinião pública.

De acordo com Manin, as disputas eleitorais passam a focar as lideranças personalistas, em detrimento dos partidos, que passam a agregar identidades coletivas. Com o crescente papel da mídia como instância de construção dos cenários políticos, os



eleitores também tomam posturas de maior volatilidade; tendem a votar sem maior coerência ideológica e partidária e ficam mais suscetíveis às campanhas eleitorais planejadas pelos profissionais de marketing.

Antes do desenvolvimento da mídia, a publicidade dos indivíduos ou dos acontecimentos era ligada ao compartilhamento de um lugar comum, dava-se pela co-presença, que possui características de interação face a face e caráter dialógico. O desenvolvimento da mídia criou novas formas de publicidade, onde não se partilha mais um lugar comum. Diferencia-se também do tipo de intercâmbio dialógico característico da conversação face a face. Com o advento da imprensa, o ato de tornar algo público deixa de ser dialógico e se torna dependente do acesso aos meios de produção e transmissão da palavra impressa.

Thompson (1998) discute os paradoxos da visibilidade, afirmando que a mídia estimulou a democratização no acesso aos bens simbólicos e com isso gerou ruptura entre a esfera pública e privada. Por isso, muitas vezes, a imprensa destaca escândalos que envolvem políticos por apropriação indevida de recursos públicos ou mesmo de exposição pública polêmica. Thompson afirma também que o desenvolvimento da mídia gerou uma produção e disseminação das formas simbólicas, mas também levou os líderes políticos e personalidades a terem uma maior preocupação com a visibilidade pública.

Outra questão diz respeito à natureza espetacular gerada pela mídia. Gomes (2004) destaca a relação tensa entre a política e o campo midiático, por suas naturezas distintas. O campo político é o espaço da disputa argumentativa e racional, incompatível com a esfera midiática, que trabalha com o imaginário, o emocional, o lúdico. Porém, apesar dessa diferença, política e comunicação está cada vez mais próximo, devido à demanda pela visibilidade na mídia e ao fato de a mídia suprir a demanda cognitiva dos indivíduos sobre o atual estado do mundo.

2. A cultura da mineiridade

Como o artigo se propõe a analisar de que forma os atores políticos acionaram a cultura da mineiridade na disputa eleitoral de 2008, é importante tecer considerações acerca do que é ser mineiro. O ideário sobre a identidade mineira tem origem por volta do século XIX, quando surge um discurso político elaborado com o intuito de apresentar uma suposta unidade do território em questão. Minas Gerais, àquela época atravessava um processo de formação econômica, política e cultural um tanto fragmentado, além de interesses econômicos e políticos distintos. Em meio a um



sugestivo ideal de pertencimento à grande nação recém criada, a preservação das diversidades regionais configurava a apresentação de um território pluralizado, mas ainda assim coeso. Assim, a construção da idéia de “mineiridade” viria a promover a homogeneização do coletivo e a solidificação de Minas Gerais no cenário político nacional.

A mitologia em torno do mineiro aponta para a representação de um produto nacional cuja melhor definição seria a do “bom sujeito”, que abarca características opostas entre si: desconfiado e astuto, calado e prosador, tímido e acolhedor. Essa construção discursiva pauta-se na harmonia coletiva e no consenso de que tais características são típicas desse povo. Se por um lado, tal construção identitária é prontamente aceita como verdade por aqueles que a desejam preservar, por outro, é notável a participação da Literatura na legitimação da conhecida “mineiridade”. Ao longo dos anos, diversos escritores preocuparam-se com o tema, revelando, em suas obras, a necessidade de reforçar a idéia de um modo especial de ser do mineiro, tão arraigado a ele que pode ser transmitido às gerações posteriores.

Assim, a mineiridade torna-se um objeto de análise de vários campos do saber. Para Arruda (1999), o mito da mineiridade oferece um modelo de identificação a partir da imagem do político hábil negociador. Observa-se a cultura da mineiridade a partir da ideia de conciliação e de contestação. Apesar da grande diversidade de aspectos culturais, sociais e políticos que marcam Minas Gerais, trabalha-se com a ideia de que há um sentimento coletivo que não só é parte dessa área geográfica, mas deve ser entendido como um processo mais amplo que transcende as próprias fronteiras do estado – o sentimento de ser mineiro. Arruda (1999) explica que há uma organização mítica que sustenta a caracterização da identidade mineira – o mito da mineiridade.

Stuart Hall (2000) defende que as identidades se dão durante o processo de *endoculturação*, ou seja, são formadas e transformadas a partir da vivência em sociedade. Só é possível, por exemplo, saber o que é ser mineiro tendo em vista que essa mineiridade é representada por um conjunto de significados que, por sua vez, produzem sentidos a partir de uma maneira específica de codificar e decodificar o mundo. “Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’” (SCHWARZ, 1986, p. 106 *apud* HALL, 2000, p. 49). Ele ainda comenta que as identidades não vêm impressas em nossos genes como, por exemplo, a cor dos olhos, cabelos. Dentro do que se convencionou chamar de “mineiridade,” também não há genes mineiros que se transmitem, digamos, a cada



“filho da Terra” como se fossem de “pai para filho”. A tradicional família mineira, a fervorosa religiosidade manifesta nas seculares igrejas, a educação severa, a culinária simples, tudo isso, que se configura em uma espécie de “identidade cultural de Minas”, não passa de construção discursiva.

Conforme Ângelo (2005), a mineiridade está, muitas vezes, associada a elementos redutivistas, como a pacatez, a vida rural e a morosidade, mas afirma que o termo *mineiridade* adquire maior amplitude e complexidade quando investigado em sua dimensão ideológica. A identidade mineira, conforme explica Lima (2000), engloba três aspectos principais: (a) a valorização mítica do passado de riquezas, exploração e luta pela liberdade em Minas, o que gera uma forte tendência memorialista e tradicionalista; (b) a habilidade do político mineiro visto como um líder conciliador em função de seu equilíbrio, bom senso e valorização da estabilidade; (c) a participação estratégica na construção de um estado que tenha uma perspectiva de unificação nacional, já que o Estado é visto como o centro político e geográfico do país, aliado a um apego a terra, à paisagem e aos valores locais. De acordo com Ângelo (2005), a ênfase na habilidade política, na capacidade de articulação, na moderação e no equilíbrio já eram características presentes na idéia de mineiridade mesmo antes do declínio econômico.

Segundo Ângelo, a mineiridade constitui-se em estrutura mítica, recorrendo sempre ao passado, às origens, para manter a sua força ideológica. Por isso, concebe o tempo como cíclico e não linear. No imaginário da mineiridade, segundo o autor, destacam-se a luta pela liberdade, a valorização da família, a preservação dos regionalismos, a saudade do vilarejo, o caráter montanhês, entre outros aspectos. No caso da política, o recurso ao passado é uma forma de garantir um espaço estratégico.

3. O jornalismo como ator social

Outra questão teórica importante diz respeito ao jornalismo como ator social que interfere nas disputas políticas. A modernidade trouxe transformações expressivas para a vida social. Rodrigues (1990) afirma que, na era moderna, o discurso dos *media* assume papel central, a tarefa de ser uma nova instância que organiza o mundo aleatório, cheio de fragmentos, dentro de uma lógica, o que era função dos mitos nas sociedades antigas. Ao contrário do mito da objetividade jornalística, os autores contemporâneos mostram que a construção da notícia é um processo complexo que envolve uma série de fatores. Em primeiro lugar, é preciso conceituar o que vem a ser notícia, o que, de fato, é transformado em acontecimento noticioso, uma vez que a realidade é infinita e impossível de ser capturada pelos meios de comunicação.



Rodrigues explica que, quanto menos previsível for um fato, maior a probabilidade de se tornar notícia. Fatos trágicos, por exemplo, têm muito mais chances de se tornarem notícias do que os positivos. Entre os critérios de noticiabilidade, o autor destaca três – o excesso, a falha e a inversão.

Traquina (2001) contesta a idéia de que os jornalistas são observadores neutros da realidade e afirma que lês são atores ativos na construção da realidade e dos fatos, o que é bem evidente na política. Pode-se perceber, no caso aqui analisado, como os jornais atuam de forma diferenciada, destacando algumas pré-candidaturas em detrimento de outras. Entre os fatores que interferem na cobertura noticiosa, Traquina (2001) aponta a própria cultura organizacional. Percebe-se que, em Minas Gerais e, principalmente, na capital mineira, os jornais seguem uma linha governista.

4. Estudo de caso: análise da cobertura do *Estado de Minas* sobre a disputa eleitoral de 2008 e as estratégias discursivas dos atores políticos sobre a mineiridade

4.1 Metodologia de análise

Num primeiro momento, é feita uma análise sobre a visibilidade e valência dos candidatos bem como dos líderes políticos que marcaram a disputa pela eleição de Belo Horizonte em 2008. Eles foram divididos em: os protagonistas e os contestadores da aliança polêmica entre o PT e o PSDB. Num segundo momento, o artigo traz uma análise qualitativa sobre o discurso da mineiridade presente nas estratégias dos candidatos. Por fim, desenvolve-se um estudo sobre questões relativas ao fazer jornalístico – gêneros jornalísticos mais acionados, temáticas, fontes mais citadas e critérios de noticiabilidade.

4.2 A visibilidade e a valência dos candidatos

A polêmica aliança PT e PSDB teve expressiva visibilidade no espaço midiático, o que demonstra a centralidade da mídia. Há uma importância crescente dos líderes personalistas, conforme afirma Manin (1995), apesar da importância dos partidos no debate travado, mostrando que as siglas partidárias são fundamentais, mesmo com a ênfase nos líderes personalistas.

Em relação à visibilidade, durante a campanha, o *Estado de Minas* destacou bastante a polêmica aliança entre petista e tucanos e tentou construir uma imagem positiva de Márcio Lacerda (PSB) ao mesmo tempo, que procurou desconstruir a



imagem de Leonardo Quintão (PSDB) Constata-se, por meio dos dados referentes à visibilidade e valência dos candidatos, que o jornal assume o discurso da mineiridade, mesmo que de forma sutil, ao se posicionar ante a candidatura de Lacerda como uma proposta de conciliação.

Lacerda foi o candidato mais citado. De um total de 1147 aparições dos candidatos durante os seis meses, Lacerda obteve 460 (40,10%), Leonardo Quintão (PMDB) teve 235 citações (20,48%) e Jô Moraes (PC do B) teve 243 citações (21,1%). Outros candidatos citados foram: Sérgio Miranda obteve 75 citações (6,5%), Gustavo Valadares 71(6,19%), Jorge Periquito 25 (2,17%), Vanessa Portugal 22 (1,91%) e André Alves e Pedro Paulo ambos com oito citações (0,69%).

No cenário político (maio e junho), Lacerda, mesmo estando com menos de 10% nas pesquisas de intenção de voto, foi o candidato mais citado. De um total de 250 aparições dos pré-candidatos nos meses de maio e junho, Lacerda obteve 156 (62%). Jô Moraes (PC do B), que liderava as pesquisas, teve 73 citações (29%). Leonardo Quintão (PMDB), cuja candidatura não era consenso no partido, foi citado apenas 21 vezes (9%). Jô Moraes liderava com cerca de 20%, mas não foi a mais citada. Já no cenário pré-eleitoral, Lacerda, ainda em quarto lugar Lacerda, foi o candidato mais citado. De um total de 340 aparições dos candidatos nos meses de julho e primeira quinzena de agosto, Lacerda obteve 114 (33,52%). Jô Moraes (PC do B), que liderava as pesquisas, teve 72 citações (21,17%). Leonardo Quintão (PMDB), que era o segundo nas pesquisas, teve 59 citações (17,35%). Outros candidatos são: Gustavo Valadares obteve 36 citações (10,6%), Sérgio Miranda, teve 33 citações (9,7%), Vanessa Portugal e Jorge Periquito tiveram cada um nove aparições (2,64%).

No cenário eleitoral I (segunda quinzena de agosto e setembro), Lacerda foi o candidato mais citado. De um total de 324 aparições dos candidatos na segunda quinzena de agosto e o mês de setembro, Lacerda obteve 114 (28,39%). Jô Moraes (PC do B) teve 70 citações (21,6%), Leonardo Quintão (PMDB), teve 56 citações (17,28%). Outros candidatos são: Gustavo Valadares obteve 33 citações (10,18%), Sérgio Miranda, tiveram 39 citações (12,03%), Vanessa Portugal 12 citações (3,7%) e Jorge Periquito 14 citações (4,32%) e André Alves e Pedro Paulo tiveram cada um quatro aparições (1,23%). Em outubro, cenário eleitoral II, Lacerda continuou a ser o candidato mais citado. De um total de 236 aparições dos candidatos no mês de outubro, Lacerda obteve 101 (42,79%), Leonardo Quintão (PMDB) teve 99 citações (41,94%) e Jô Moraes (PC do B) teve 28 citações (11,86%). Outros candidatos são: Sérgio Miranda



obteve 03 citações (1,27%), Gustavo Valadares e Jorge Periquito tiveram 2 citações (0,84%) e Vanessa Portugal 1 citações (0,42%).

Quanto à valência do tratamento dado pelo *Estado de Minas*, percebe-se que Lacerda teve um tratamento bastante positivo. De um total de 460 aparições, Lacerda obteve 286 positivas (61,3%), 128 negativas (27,82%) e 38 neutras (8,2%). Quintão já começa a apresentar um tratamento negativo. De um total de 235 aparições, o candidato teve 52 positivas (22,12%), 166 negativas (70,6%) e 17 neutras (7,23%). Jô Moraes em um total de 243 aparições teve 48 positivas (19,75%), 161 negativas (66,25%) e 34 neutras (13,9%). Os outros candidatos na sua maioria possuem valência negativa ou neutra.

4.3 Os personagens da cobertura do Estado de Minas

4.3.1 Os protagonistas da aliança: Aécio Neves e Fernando Pimentel

A cobertura mostra o personalismo da campanha, centrada principalmente no destaque aos “padrinhos políticos” de Márcio Lacerda – Aécio Neves e Fernando Pimentel. A posição contrária aparece na figura de Patrus Ananias. Nesse sentido, apesar de Lacerda ter sido o candidato da aliança, sendo mencionados 460 vezes pelo jornal, os nomes mais citados na disputa pela Prefeitura de Belo Horizonte em 2008 foram os de seus “padrinhos políticos”, totalizando 617 citações.

Os dados revelam números expressivos da visibilidade de Aécio Neves e Fernando Pimentel. O então governador tucano foi mencionado 322 vezes no jornal, sempre com menções positivas, enquanto o então prefeito petista teve 295 no papel de articulador da aliança.

Pode-se notar a importância de Aécio e Pimentel em várias notícias veiculadas durante a polêmica em torno da aliança (cenário político). Em junho, os dois “padrinhos políticos” de Lacerda mantiveram destaque no *Estado de Minas* para garantir a aliança. Em 11 de junho, o jornal publica a notícia “Aécio garante a aliança”, em que Aécio se mostra confiante e manda um recado à direção nacional do PT, alegando que os insatisfeitos deveriam procurar outro caminho. Aécio trata a aliança como um projeto nacional inovador. “É algo muito grandioso que queremos construir e não será abalado ou interrompido por uma visão míope de pessoas que estão a centenas de quilômetros de distância de BH e a milhares de milhas de distância de nossa realidade política e do nosso sentimento político” (Aécio Neves *apud Estado de Minas*, p.4). As articulações no final de junho foram fundamentais para garantir a aliança. O jornal destaca a movimentação feita por Pimentel. A Executiva Nacional do PT aceitou o apoio a



Lacerda, desde que não houvesse uma coligação formal com o PSDB e o PPS, adversários em âmbito nacional. Foi aprovada a chapa Lacerda para prefeito e Roberto Carvalho para vice, pelo PT. O PSDB e PPS apoiaram informalmente.

Durante o período pré-eleitoral, podemos destacar que o jornal ressalta a importância dos padrinhos para a aliança. Na notícia do dia 13 de julho, a jornalista Patrícia Aranha descreve na reportagem “Padrinhos têm grande influência”, o impacto positivo da presença de Aécio Neves e Fernando Pimentel na campanha de Márcio Lacerda. Os governos federal, estadual e municipal parecem ter força decisiva na campanha. Lacerda leva vantagem neste quesito. Tem apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do governador de Minas, Aécio Neves, e do Prefeito de BH, Fernando Pimentel. O cabo eleitoral com maior peso é Aécio, 50% dos entrevistados disseram que o apoio do governador influencia positivamente um candidato. Aécio tem 87% de aprovação, contra 82% e 70% de Pimentel e Lula, respectivamente.

No dia 8 de setembro, já no período Eleitoral I, foi publicado no jornal *Estado de Minas* a seguinte notícia “Pimentel evita cantar vitória” de Juliana Cipriani (p. 4), onde menciona que prefeito avalia que ainda é cedo para dizer se Márcio Lacerda vencerá no primeiro turno. Lacerda praticamente não tem voz. Para Pimentel, o eleitor vê Lacerda como a garantia da continuidade da parceria entre prefeitura e governo estadual: “*agora tenho certeza de que a cidade já esta reconhecendo aquele que é o candidato da continuidade da parceria política e vamos chegar a vitoria em outubro*” (Fernando Pimentel *apud Estado de Minas*, p.4).

No final do mês de outubro (dia 30), cenário Eleitoral II, o jornalista Daniel Pereira publicou a matéria intitulada “Sinal verde para o metrô” onde relatava que Pimentel mostra o poder da conciliação para BH. O então prefeito declarou que o resultado da votação comprova o acerto da aliança firmada entre petistas e tucanos na capital mineira. Além disso, voltou a defender a tese de que os dois partidos devem trabalhar juntos quando suas análises convergirem, mesmo que posteriormente figurem em lados opostos em embates eleitorais. “Em Belo Horizonte, não fomos punidos pelos eleitores, mas premiados” (Fernando Pimentel *apud Estado de Minas*, 30 de outubro, p.3), afirmou Pimentel.

4.3.2 Os contestadores da aliança

Um dos traços da mineiridade é a conciliação e, paradoxalmente, outra marca é partir para a luta em defesa de seus ideais, a exemplo de Tiradentes. Na aliança PT e PSDB houve resistências internas, principalmente, dos líderes petistas. O nome de



maior destaque foi do então ministro do Desenvolvimento Social, Patrus Ananias, ex-prefeito de BH, ele é citado em 86 notícias. O deputado do PT Rogério Correia aparece em segundo lugar, com 48 citações, seguido do presidente nacional do PT, Ricardo Berzoini, em 48 matérias, o vice-presidente José Alencar (PRB) aparece em 38 matérias, o ministro chefe da Secretaria Geral do governo, Luís Dulci (33 notícias), o ministro das Comunicações Hélio Costa (PMDB) (24 notícias), o então prefeito de Ipatinga e pai de Leonardo Quintão, Sebastião Quintão (06 notícias) e o coordenador da campanha de Leonardo Quintão Sávio Souza Cruz (04 notícias).

A notícia “Infiéis desafiam direção do PT” de Isabella Souto e Juliana Cipriani, publicada no dia 26 de julho, informa que, indiferentes às ameaças de punição, petistas que não concordam em apoiar a candidatura de Márcio Lacerda à Prefeitura da capital voltam a participar da campanha Jô Moraes. Rogério Correia discursou dizendo que a comunista sempre esteve com o PT: “fizemos questão de estar no lançamento deste programa e o principal motivo é a identidade política que temos com a Jô” (*Estado de Minas*, 26 de julho de 2008, p.6). Em seguida, Correia entregou aos presentes adesivos com os dizeres: “eu oPTei pela Jô”, dizendo que quem é petista tem que votar na candidata do PCdoB.

A matéria “Patrus acusa prefeito de provocar discórdia”, de 30 de julho de 2008, assinada por Juliana Cipriani e Bertha Maakaroun, relata que o ministro Patrus Ananias, que é contra aliança com tucanos, afirma que Pimentel conseguiu acabar com o PT na capital mineira. “O prefeito conseguiu uma façanha que o mais duro adversário do PT não ousaria pensar: de desapareceu com o Partido dos Trabalhadores em Belo Horizonte” (*Estado de Minas*, p.5). Patrus aparece novamente como principal opositor à aliança e ao vice de Márcio Lacerda Roberto Carvalho, que criticou as falas de Patrus. O jornal anuncia o novo folder da campanha de Lacerda, com a foto do candidato ao lado de Aécio e Pimentel e os dizeres: “continuar é melhor. E é isso que a gente quer”. Percebe-se que o vice, o petista Roberto Carvalho, fica apagado e o jornal tenta contrapor opiniões de um petista que é contra a aliança (Patrus), com a de dois outros favoráveis (Pimentel e Roberto Carvalho).

4.4 Os atores políticos e a cultura da mineiridade

No período analisado predomina o papel dos articuladores da aliança, mostrando em Márcio Lacerda um apto político mineiro, competente e conciliador devido a seu equilíbrio, bom senso e valorização da estabilidade, que confere ao seu Estado um papel proeminente num projeto unificação nacional. No dia 17 de maio, na notícia “Uma



questão de minutos”, o jornalista Baptista Chagas de Almeida remete à mineiridade quando afirma que o PT mineiro vai preparando devagar o terreno para conseguir uma flexibilidade maior da direção nacional em relação à aliança – o mineiro como o paciente e conciliador. Ao longo da cobertura, às vezes em que Aécio é citado aparece como o protagonista da política de alianças, o político mineiro que está construindo um projeto de convergência nacional.

No dia 4 de agosto, a matéria “Prefeito prega continuidade”, de Isabella Souto, descreve que o prefeito Fernando Pimentel, em palanque improvisado no parque da barragem Santa Lúcia, reforçou que Márcio Lacerda (PSB) é o candidato da continuidade e aquele que vai manter boas relações com Aécio Neves. Em tom conciliatório, o então prefeito disse que *“essa é uma aliança para continuar as políticas públicas. Por isso, vocês vêem no mesmo palanque partidos diferentes. Por isso vocês estão vendo eu e o governador Aécio Neves juntos. Essa é a candidatura que representa essa aliança. A continuidade é Márcio Lacerda”* (Estado de Minas, 04 de agosto de 2008, p.6).

Bertha Maakaroun publicou, no dia 26 de outubro, “Lacerda confiante na vitória” destacamos a conciliação no trecho em que Lacerda ressalta as vantagens da aliança, *“estou muito feliz de poder ter correspondido à confiança de meu partido, do governador e do prefeito, como protagonista principal desta aliança”*. Segundo ele, se o eleitor optar por seu nome, estará votando pela continuidade da atual administração municipal. *“Trata-se da continuidade desse belo projeto de gestão participativa construído em BH nas últimas duas décadas e que se consolidou em parceria com o governo do estado e vai se consolidar ainda mais. Tenho absoluta certeza de que temos oportunidade de consolidar e fazer avançar esse projeto em BH”* (Márcio Lacerda apud Estado de Minas, 26 de outubro, p.4).

No entanto, a mineiridade também remete ao conflito, à defesa de ideologias, como fica explícita na postura de líderes petistas que se manifestaram claramente contra a aliança com o PSDB. Destaca-se a postura de Patrus Ananias que, mesmo sendo um político sereno, declarou-se, desde o início, contrário ao acordo com os tucanos, alegando que era uma estratégia marcada por equívocos que comprometeria o PT. O vice-presidente José Alencar também foi outro opositor, declarando apoio à candidata Jô Moraes. A postura da Executiva Nacional do PT de não aceitar o acordo, com respaldo de várias lideranças petistas de Minas, mostra que a mineiridade tem a sua outra faceta – a das divergências e do posicionamento ideológico.



Um exemplo disso é a notícia “Patrus acusa prefeito de provocar discórdia”, publicada em 30 de julho de 2008, que relata que o ministro do Desenvolvimento Social, que é contra aliança com tucanos, afirma que “*o prefeito [Fernando Pimentel] conseguiu uma façanha que o mais duro adversário do PT não ousaria pensar: de desapareceu com o Partido dos Trabalhadores em Belo Horizonte*” (Patrus Ananias *apud* Estado de Minas, 30 de julho de 2008, p.5). Patrus aparece novamente como principal opositor à aliança entre PSDB e PT. Isso porque estaria ferindo a origem, o nome e o compromisso do PT com o Brasil, ele generaliza a afirmação em âmbito nacional e não só apenas municipal..

4.5 Uma análise do jornalismo como ator social

4.5.1 Notícias, gêneros jornalísticos e temáticas

Durante os meses de maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2008, o jornal *Estado de Minas* publicou 1024 notícias sobre a disputa eleitoral na capital mineira. No cenário político, compreendido aqui como os meses de maio e junho de 2008, antes da homologação das candidaturas, o jornal *Estado de Minas* publicou 307 notícias sobre a disputa eleitoral na capital mineira, sendo 145 em maio e 162 em junho. No cenário pré-eleitoral, (julho e primeira quinzena de 2008), início da campanha política nas ruas, o jornal *Estado de Minas* publicou 247 notícias sobre a disputa eleitoral na capital mineira, sendo 168 em julho e 79 na primeira quinzena de agosto.

Já durante o cenário eleitoral I, que corresponde à segunda quinzena de agosto e o mês de setembro de 2008, o jornal *Estado de Minas* publicou 215 notícias sobre a disputa eleitoral na capital mineira, sendo 83 na segunda quinzena de agosto e 132 em setembro. Por fim, o cenário eleitoral II, o mês de outubro de 2008, o jornal *Estado de Minas* publicou 234 notícias sobre a disputa eleitoral na capital mineira.

Quanto aos gêneros jornalísticos mais utilizados pelo jornal, reportagem aparece em primeiro com 415 (40,52% do total), seguido de fotografias que inclui fotolegendas (345 ou 33,69%), notas (124 ou 12,10%), colunas (70 ou 6,83%), manchetes (35 ou 3,41%), infográficos (13 ou 1,26%), entrevista (12 ou 1,17%), crônica (07 ou 68%) e perfis (03 ou 0,29%). A cobertura sobre a disputa pela Prefeitura ficou restrita, principalmente, às páginas da editoria de política, concentrada em reportagens e fotos que ilustravam as matérias.

Em relação às temáticas, a cobertura do jornal concentrou-se na campanha dos candidatos e na polêmica aliança entre PT e PSDB. Das 1024 notícias publicadas no período excluindo fotolegendas, manchetes e infográficos, 294 estavam relacionadas à



aliança entre petistas e tucanos (43,81%), seguido de matérias que descreviam as campanhas dos candidatos (278 ou 41,43%), e 99 referem-se a matérias de outros assuntos (14,75). Constata-se que o jornal ficou dividido entre mostrar à aliança PT-PSDB e as campanhas dos candidatos, contudo destacando sempre a agenda do candidato Márcio Lacerda.

O *Estado de Minas* priorizou notícias sobre a polêmica aliança entre PT e PSDB, como “Com a força dos cabos eleitorais” (26 de julho de 2008), “Como se perde uma prefeitura” (8 de setembro de 2008). Além disso, o jornal publicou uma série de notícias sobre o andamento da campanha, como “Muitas promessas para a saúde – Candidatos à Prefeitura de Belo Horizonte visitam regiões carentes e prometem investimentos em postos públicos, urbanização, reassentamento de famílias e centros culturais e esportivos” (04 de agosto de 2008), “Lacerda mais perto de vencer no primeiro turno” (30 de setembro de 2008), “Lacerda no ataque – Candidato do PSB aumenta o tom das críticas a Leonardo Quintão” (09 de outubro de 2008), “Em busca de apoios” (09 de outubro de 2008), “Lacerda vira e abre vantagem” (24 de outubro de 2008),

4.5.2 Critérios de noticiabilidade e rede noticiosa

Wolf (1999) destaca que a noticiabilidade é constituída pelo conjunto de regras exigidas dos acontecimentos para se transformarem em notícias, o que revela porque determinados nomes e fatos relacionados à sucessão municipal tornaram-se notícia. Como principais critérios de noticiabilidade, Wolf (1999) ressalta o que ele chama de “substantivos” definidos por quatro fatores: o nível hierárquico dos envolvidos no fato, o impacto sobre as pessoas, a quantidade de pessoas envolvidas no fato e o interesse humano. Os critérios de noticiabilidade variam no tempo e no espaço e conforme as empresas jornalísticas, pois cada uma delas tem seus critérios e preferências.

Foram identificados como principais critérios de noticiabilidade do jornal no período analisado: i) Assuntos de interesse do leitor (utilidade, relevância, notícias que tratam de assuntos de campanha ou benefícios para o leitor) – 49,82%; ii) Conflito – 38,86%; iii) Novidade – 9,71%; iv) Humor– 0,88%; culto à heróis – 0,7%. Deve-se ressaltar que uma notícia pode acionar ao mesmo tempo mais de um critério de noticiabilidade, como ser uma novidade e se tratar de um assunto polêmico. Por isso, os percentuais não são contabilizados de forma excludente.

Em relação à rede noticiosa, Traquina (2001) explica a dependência das fontes, principalmente, porque os jornais lutam contra o tempo para o fechamento do noticiário.



Por isso, ele recorre à Teoria Estruturalista que aponta as chamadas fontes primárias referentes às fontes institucionais. No jornalismo político, as mais acionadas são os representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, o que ficou evidente na cobertura sobre a disputa pela Prefeitura de Belo Horizonte. Nas notícias veiculadas, podemos separar fontes diretas e as fontes indiretas, que são apenas citadas.

As fontes indiretas mais acionadas foram: a) Executiva Nacional do PT (85 aparições); b) Diretório Municipal do PT (59); c) Diretório Municipal do PSDB (13); d) TRE (15); e) Ricardo Berzoini (10); f) Instituto *EM Data* (10); g) Lula (9); h) Aécio Neves (5); i) Diretório do PSB (5); j) Diretório do PTB (4); k) Fernando Pimentel (3); l) Patrus (3). As outras fontes indiretas são acionadas apenas uma vez.

As fontes diretas citadas são: a) Leonardo Quintão (81 vezes); b) Márcio Lacerda (28 vezes); c) Jô Moraes (67 vezes); d) Sérgio Miranda (38); e) Aécio Neves (37); f) Gustavo Valadares (34); g) Fernando Pimentel (30). As outras fontes mais citadas são: Reginaldo Lopes, Roberto Carvalho, Miguel Correia Junior, Virgílio Guimarães, Luiz Dulci, José Alencar, Wander Borges, Ciro Gomes, Hélio Costa, Patrus Ananias, Ricardo Berzoini e Rodrigo de Castro.

Considerações Finais

Em primeiro lugar, verifica-se a centralidade dos meios de comunicação em suas duas dimensões. A mídia serviu como forma de revelar o conflito existente e os impasses na candidatura de Lacerda. Ao mesmo tempo, o *Estado de Minas* não foi apenas um espaço para que os candidatos e os líderes políticos pudessem obter visibilidade, foi também um ator político participando no cenário, de forma implícita em defesa da aliança.

Em segundo lugar, quanto aos novos contornos da representação política, os dados revelam um forte personalismo nas estratégias de Aécio Neves e Fernando Pimentel para apresenta a população o candidato da continuidade, onde ambos apoiavam Lacerda. No entanto, apesar da importância dos partidos políticos como instâncias às quais tais lideranças precisam recorrer para legitimar as suas ações, como a presença marcante dos diretórios partidários na confirmação do acordo entre PT e PSDB em Belo Horizonte.

Quanto à cultura da mineiridade, tomamos o termo como um dispositivo discursivo que tenta unificar as características e o modo de ação política do estado de Minas Gerais. A mineiridade seria, portanto, a formulação de um conjunto específico de valores atribuídos a um grupo, traduzindo um conjunto de diversos elementos que



constituem o povo mineiro. Assim fica evidente nas notícias publicadas no *Estado de Minas* a referência à candidatura de Lacerda como um projeto de convergência nacional em que os interesses dos mineiros estariam acima das divergências entre tucanos e petistas, um projeto conciliador. Construído como estratégia dos articuladores da campanha de Lacerda - Aécio e Pimentel - o discurso da mineiridade foi assumido pelo *Estado de Minas* e contribuiu para reforçar a necessidade de uma aliança na disputa eleitoral.

Como uma última questão, deve-se destacar o papel do jornal como ator político, ao selecionar um tema, ao definir uma pauta, na seleção das fontes a serem entrevistadas e na narrativa construída, revelando o seu posicionamento em relação à disputa eleitoral. Quando se analisa as aparições dos personagens, os critérios de noticiabilidade e a rede noticiosa podem-se, concluir que o jornal, de forma sutil, construiu uma narrativa que tomou como acontecimento prioritário a aliança entre PT e PSDB e a campanha do candidato Márcio Lacerda, dando assim, pouca visibilidade aos demais candidatos.

Referências Bibliográficas

ÂNGELO, Marcel Henrique. *Vozes das Montanhas: a representação do político mineiro em textos de Aécio Neves*. 2005. (Dissertação de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei).

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

GOMES, Wilson. *As transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2000.

LIMA, Alceu Amoroso. *Voz de Minas: ensaio de sociologia regional brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, São Paulo, ano 10, n. 29, out. 1995.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias de Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.